

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

55 JAN-FEV 2014

Cosmopolita Cosmopolitan



TRENDS

14 Nomes 14 Montras
14 Names 14 Shop Windows

Imagem/Image:
Joaquim Lopes. Questões de estilo em torno da obra do pintor, re-apresentação da tese de mestrado de Teresa Campos de Santos 25.11.2013. Integrado no projecto Intervalo para o conhecimento, Sociedade Nacional de Belas Artes. www.snba.pt

A visibilidade. Esfera pública e esfera privada

Visibility. Public sphere and private sphere.

— Pedro Sequeira
www.pedrosequeira.info
mail@pedrosequeira.info

A extraordinária proliferação de manifestações no espaço público a que assistimos nos últimos anos, com grandes quantidades de pessoas que se juntam pela mesma causa e pelo mundo inteiro, obriga-nos a rever e a repensar a esfera pública, o seu espaço conceptual e os lugares sociais onde os significados são fabricados, distribuídos, são objecto de troca, i.e. de aprendizagem e discussão, a experiência social e o individual no colectivo.

O que nos motiva é perceber com que formas e intenções a desculpa que nos traz aqui – a joalharia – se torna visível, de maneira a avaliar o seu interesse para o grupo social e para os grupos restritos. Sabemos que a arte é, por natureza, uma manifestação social e comunicante, portanto participativa. Não sabemos, porém, se serão todas essas manifestações de interesse comum ao grupo, entenda-se a sociedade. Compreenda-se também este tempo, em que a arte criou alianças com o financeiro onde, necessariamente, o problema da arte deve ser analisado a partir da sua produção, distribuição e comunicação.

A joalharia, pela faculdade de trânsito que lhe está associada, tem uma vantagem sobre a escultura e a performance: por oposição à primeira e na relação com o espaço, o facto de ser transportável no corpo de um indivíduo e, na relação com a segunda, interagindo de forma mais ampla com públicos variados, a possibilidade de participar em simbiose com a linguagem corporal e performativa no encontro com o outro, desde o âmbito profissional ao lazer, dentro de espaços privados e públicos e na ocupação de vários lugares, facto temporalmente curto, de contextos geopolíticos e antropológicos variados, sem o obstáculo que o evento performance anunciado pode representar. Interessa explorar as correspondências que os sentidos percorrem no trânsito entre o privado e o público, aquilo que, pertencendo ao privado é absorvido pela esfera pública e a situação inversa.

A joalharia soma pontos em ambos os territórios público e privado. Poderíamos dizer que quando a joalharia ou outro media se mostra numa exposição, tal evento pertence ao domínio público: errado. Uma exposição é um acontecimento aberto, disponível a receber pessoas que, vindas de outros lados, entram nessa esfera privada, isto é, um qualquer espaço concreto onde se deixam ver objectos ou situações, os quais servem os interesses privados de um grupo particular, o qual cristaliza as suas experiências e ideologias. Este exemplo serve para contrariar a ideia que algo que acontece na esfera pública é sempre do interesse público. De facto, a esfera pública é gerida maioritariamente por interesses privados, o bom exemplo é a publicidade.

Existe a confusão generalizada na avaliação de algo que é mostrado numa instituição pública, tomado como interesse público quando, na realidade, se trata de um interesse estritamente privado. Por vezes, uma instituição pública serve os interesses de um grupo restrito, por várias razões: em favor de uma prática institucional, por via da intervenção directa ou indirecta dos agentes que operam dentro dessa instituição (curador, administração, etc.). Perguntemo-nos sobre o desinteresse cada vez maior dos públicos na adesão à esfera artística: os museus, cujo papel é validar as obras e artistas, sentem a necessidade de implementar um serviço educativo, também no sentido de induzir os pressupostos que motivam essas instituições nos públicos, crianças, jovens e adultos.

Evitando cair nos discursos evidenciados pelas ideias do comunismo, que definem o antagonismo das publicidades proletária e burguesa, defende-se o cruzamento de ideias e situações onde essas posições e o seu trânsito proponha compreender pontos de interesse comuns, no sentido de fortalecer ou promover a discussão, não em detrimento da produção de objectos mas, por oposição, gerar discursos críticos que, por sua vez se traduzirão em formas de fazer e meios de comunicar. 88

The extraordinary proliferation of manifestations in public spaces that we have witnessed in recent years involving large quantities of people who come together for the same cause and for the whole world, prompts us to reconsider and rethink the public sphere, its conceptual space and the social places where all its meanings are created, distributed, exchanged, i.e. of learning and discussion, the social experience and the individual within the collective.

What motivates us is to ascertain with which shapes and intentions the excuse that brings us here – jewellery – makes itself visible, so as to evaluate its interest to the social group and to more restricted groups. We know that, by its very nature, art is a social and communicative manifestation and, therefore, participative. What we don't know, however, is if all these manifestations are of common interest to the group, that is, society. These times also need to be understood, with art having created alliances with financial interests, implying that the problem of art should be analysed in terms of its production, distribution and communication. Jewellery, through the mobility associated with it, has an advantage over sculpture and performance. In opposition to the former and its relationship with space, the fact is, it can be transported on an individual's body. In relation to the former, by interacting in a broader sense with different public groups, through the possibility of participating in symbiosis with corporal and performance language in its encounters with others, from the professional to the leisure sphere, within private and public spaces and in the occupation of different places, often temporary, in varying geopolitical and anthropological contexts, without the obstacles that a performance event might entail. It's worth exploring the correspondence that feelings engage in transit between the private and public, in situations where the private is absorbed by the public sphere and vice versa.

Jewellery scores highly in both public and private territories. We could say that when jewellery of any other media is displayed in an exhibition, the event belongs to the public domain: wrong. An exhibition is an open event, open to receiving people who, coming from different directions, can enter this private sphere, that is, any concrete public space where objects or situations can be viewed, which in turn serves the private interests of a particular group, crystallising their experiences and ideologies. This example is used to counter the idea that anything that takes place in the public sphere is always of public interest. In fact, the public sphere is mainly overseen by private interests, a good example being that of advertising.

There is a generalised misconception in the evaluation of something that is shown in a public institution, regarded as being of public interest when, in fact, it is a strictly private interest. Sometimes, a public institution serves the interests of a restricted group for a variety of reasons: in favour of an institutional practice, through the direct or indirect intervention of agents that operate within this institution (curator, administration, etc.). We should question ourselves about the growing lack of interest of the public in the artistic sphere: museums, whose role is to validate artwork and artists, feel the need to implement an educational service, also with the aim of instilling the assumptions that validate these institutions among public, children, youth and adults.

Avoiding the temptation of discourses seen in communist ideas, which define the antagonism between proletarian and bourgeois publicity, what should be defended is the encounter between ideas and situations where these positions and their traffic seeks to comprehend common points of interest with a view to strengthening or promoting discussion, not in detriment to the production of objects but, rather, to generate critical discussions, which in turn will lead to ways of doing things and routes of communication. 88

*O Autor deste texto optou por não aderir ao novo acordo ortográfico.

Bibliografia/Bibliography:

Cardozo, Mário, Jóias arcaicas encontradas em Portugal, 1930. Nós Editora: A Cruña // Gough, Maria in "Drawing between Reportage and Memory: Diego Rivera's Moscow Sketchbook" October 145, 2013 // Kite, Stephen in "Colin St John Wilson and the Independent Group: Art, Science and the Psychologising of Space", Journal of Visual Culture, volume 12, nr.2, August 2013 // Negt, Oskar and Kluge, Alexander in "The Public sphere and Experience: Selections", October, The Second Decade, 1986 - 1996 // Prince, Mark in "Context V Content", Art Monthly, June 2013